

## MODOS DE MORRER: SIGNOS FÚNEBRES NO MUNICÍPIO DE VARJOTA, CEARÁ

Beatriz Freire Guimarães<sup>1</sup>

Gerllanny Mara de Souza Lopes<sup>2</sup>

Juvandi de Souza Santos<sup>3</sup>

Manoel Odorico de Moraes Filho<sup>4</sup>

### RESUMO

Espaços e ritos fúnebres compõem verdadeiras fontes multidisciplinares para entender as formas com que o Homem lidava com a própria vida diante de cada fatalidade histórica. No município de Varjota-Ce, existem túmulos e cemitérios clandestinos frutos de epidemias e miserabilidade que ainda hoje, permanecem possuindo significados para a cidade, mesmo alguns mais esquecidos que outros. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é registrar a existência destes lugares e sua relação com a história e sociedade. Esse artigo é baseado em leituras especializadas e nos registros escritos do senhor Genésio Rodrigues Lopes, os diálogos escritos fazem parte do acervo particular do mesmo que cedeu para esta pesquisa. Ao final será possível descrever o potencial científico e educativo dos signos erguidos, devolvendo aos mesmos utilidade pública e poder de narrativa na construção da história local.

Palavras-chaves: Práticas; Costumes; Ritos Fúnebres; História local.

---

1 Universidade Federal do Ceará - UFC - Mestranda em Medicina Translacional - profbeatrizguimaraes@gmail.com

2 Universidade Federal do Ceará - UFC - Mestranda Medicina Translacional - gerllannymara@gmail.com

3 Universidade Estadual da Paraíba- UEPB - Prof. Dr. na Universidade Estadual da Paraíba- UEPB - juvandi@terra.com.br

4 Universidade Federal do Ceará- UFC - Prof. Dr. no Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos- NPDM - odorico@ufc.br



## 1.0 INTRODUÇÃO: À DERRADEIRA MORADA

Todos os dias a morte abraça um pouco mais os Homens, por vezes de forma brusca, em alguns casos lentamente como quem se sente à vontade para “ficar um pouco mais”, fazendo das comodidades e fraquezas humanas fortaleza para sua morada temporária. Mas não é a velocidade com que a morte atinge cada indivíduo que interessa a esse trabalho, e sim os modos de morrer que foram modificadas pela emergência de epidemias, medo e pensamentos científicos transformando as paisagens e costumes populares, tais mudanças são mais perceptíveis a partir do século XVIII, com o surgimento da medicina social, quando os higienistas propunham padrões de moradia, alimentação e até organização familiar aos habitantes da cidade definindo regras e estabelecendo disciplinas a serem seguidas (PEREIRA apud SILVA, 2022, p. 208). Os discursos higienistas passaram a criticar em especial as formas de sepultamento realizadas em igrejas, logo, a criação de espaços fora do âmbito urbano destinado aos funerais era uma das prioridades das ações médicas.

Com relação aos sepultamentos, destinar um lar de forma racional para um corpo que já não respira é uma característica exclusiva do Homem, contudo, não se sabe ao certo onde surgiu a cultura do enterro, mas há indícios de que esse é um ritual muito antigo, em determinados locais habitados pelo Homem de Neandertal, foram encontrados alguns corpos sepultados em covas (MITHEN, 2003, p. 279-290), assim a necessidade de criar locais dedicados aos mortos não é exatamente uma novidade nem uma invenção do homem moderno.

Todavia o modo como isso ocorreu difere de uma sociedade para outra, na antiguidade mais especificamente em Roma, os primeiros cristãos foram sepultados nas catacumbas, na Índia o corpo é lançado às águas sagradas do rio Ganges. Enfim, em todas as épocas e culturas, o cuidado com os mortos é uma presença constante na história da humanidade, ainda que de forma variada.

É evidente que o cuidado dos vivos para com os mortos é real, porém, ao longo do tempo ocorreram mudanças no modo como a morte é vista socialmente, deixando de ser uma morte habitual, aceitável para se tornar motivo de dor e traumas. Tais transformações são refletidas na desvalorização de alguns espaços cemiteriais, como menciona Guimarães (2018):

O fato está em que a morte é sempre mais significativa para os que ficam, é para estes, toda a preocupação que vai do emocional aos cultos para o corpo e seu tólos, na maioria das vezes os Cemitérios, passam por uma visão preconceituosa sofrendo o abandono e permitindo atos de vandalismo no local (GUIMARÃES, 2018, p.185).

No Brasil, os cemitérios como conhecemos hoje se estabeleceram no século XVIII, com o advento da



lei que proibia os sepultamentos nas igrejas, aquilo que durava há quase um milênio sem provocar reserva alguma já não era suportado e se tornava objeto de críticas veementes (ARIÈS, 2017, p.74). Só havia uma solução: transferir os cemitérios paroquiais para fora das cidades e vilas, criar cemitérios extramuros (REIS, 1991, p. 75), o afastamento dos mortos dos centros urbanos manifestou-se como medida profilática de combate às doenças, segundo Guimarães (2020):

Fundamentada na teoria do miasma, que surgiu ainda na antiguidade, a mesma pregava que os corpos em decomposição liberam “vapores mefíticos”, esse seria gases que danificam a saúde, infectando o ar que se respirava. No Brasil, essa lei também se fez presente, pois além da teoria dos miasmas passou a existir um forte medo da população em frequentar as missas sabendo que as pessoas que estavam ali enterradas, muitas foram levadas por agentes contagiosos (GUIMARÃES, 2020, p.59).

Independente do motivo pelo qual os cemitérios foram implementados, o fato é que se trata de verdadeiros museus a céu aberto, fontes históricas, arqueológicas, artísticas, ambientais, etc. Pois como menciona March Bloch (2001) a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele (BLOCH, 2001, p.79). Dentro dessa perspectiva esses locais são vistos enquanto sítios arqueológicos, que constituem um domínio para a observação e análise, a partir da cultura material, de fenômenos e dinâmica cultural e mudança social (LIMA, 1994, p. 87).

Seguindo essa linha de raciocínio, os túmulos passam a ser verdadeiras fontes artísticas, afinal, os acervos tumulares das necrópoles possibilitam leituras das representações, sejam elas da morte, da religião e das condições socioeconômicas de uma determinada sociedade (BELLOMO, 2000, n.p). Assim o estudo sobre os cemitérios ganhou um amplo repertório dentro do campo acadêmico e com isso, encontramos estudos voltados para diferentes tipos de cemitérios como os Cemitérios dos anjinhos (crianças), Cemitérios dos ingleses, judeus, escravos, indígenas, Cemitérios jesuíticos e Cemitérios de Bexiguentos.

Para além dos cemitérios as práticas fúnebres também se moldaram a realidade de cada período, a exemplo das epidemias que transformaram a última despedida em um momento ainda mais doloroso, a pressa para sepultar, o medo do contágio e o preconceito foram alimentados pela falta de informações sobre a doença tornando os ritos fúnebres quase, quando não, inexistentes.

No município de Varjota, interior do Ceará, podemos encontrar testemunhos concretizados desses tempos difíceis, a cidade abriga alguns signos da morte que são guardiões das memórias esquecidas sobre a história local. Trata-se de espaços que vão desde túmulos erguidos no fundo de um quintal, à cruzes e capelinhas que se tornaram objeto de devoção ao redor das quais emergiram cemitérios pagãos, algumas dessas localidades estão negligenciadas e sofrem com as intempéries do tempo, outras tornaram-se destinos de romaria evidenciando a religiosidade e fortalecendo a construção identitária do lugar.



Nesse sentido, os locais erguidos constituem um domínio para a observação e análise, a partir da cultura material, de fenômenos e dinâmica cultural e mudança social (LIMA, 1994, p. 87). A metodologia utilizada para essa pesquisa foi baseada em leituras especializadas e em análises feitas a partir dos registros do senhor Genésio Rodrigues Lopes, filho da terra, que entrevistou a população local e guardou seus escritos em acervo particular, cedendo-os para singelo artigo.

A justificativa para o estudo desses monumentos não se trata apenas do esquecimento, mas sim de uma reconstrução ou reparação histórica. Por muito tempo dentro das ciências se escolhiam como lugares de memória coletiva apenas grandes fatos e personagens, deixando de lado as narrativas das pessoas tidas como comuns e a falta de empoderamento dessa classe gera desinteresse da mesma e por consequência a falta de identificação e participação enquanto cidadão ativo, aliás, se a memória coletiva não toca a memória individual ela fica inerte.

A Nova História permite analisar fatos para além dos políticos e econômicos, como por exemplo, epidemias e morte, assim como novos sujeitos e fontes trazendo à tona discursos que fortalecem o entendimento e outros pontos de vista de um mesmo fato e situação, afinal o fortalecimento da história geral depende do desenvolvimento das micro histórias, abdicando da totalização para melhor reagir aos eventos e neles (re) introduzir historicidades desativadas, histórias não-visíveis, mas muito presentes (ARAUJO, n.d , p.8). Assim sendo, seguem nos próximos tópicos um pouco mais sobre a história dos três espaços fúnebres localizados em Varjota e suas narrativas dentro de cada cenário.

### **3.0 ESPAÇOS FÚNEBRES EM VARJOTA- CE**

Tudo que é feito após a morte do corpo diz mais a respeito dos vivos do que dos mortos, isso porque cabe a eles tomar as providências necessárias seja para confortar aqueles que ficam, seja para confortar aqueles que partem.

Assim, os mortos nos seus funerais eram alvos de um tratamento que ia desde a preocupação extremada com o vestuário aos cuidados com o caixão e com a armação da casa e da igreja. ((RODRIGUES, 1997, p. 166).

Como em qualquer outra parte do país, na pequena Varjota os eventos fúnebres eram cercados de ritos para a despedida da pessoa falecida, merecendo destaque a família de Hilna Nogueira que desempenhava um papel importante dentro daquela comunidade.

Tão logo a morte se fazia anunciar pelo soprar do Búzio (um berrante feito de garrafa com o fundo retirado), a família iniciava os preparativos para encaminhar o morto ao mundo além-vida. O caixão era confeccionado por Hortêncio Rodrigues, esposo de Hilda Hercília e forrado com tecido preto enfeitado por

Hilda Hercília com de fita de seda branca em formato de cruz, com tecidos feitos de algodão, enquanto isso sua irmã Alzira Trajano fazia a mortalha e João Alves Trajano monitorava por meio do pulso as últimas horas de vida dos doentes. Segue abaixo a imagem de Hilda e seu marido (Figura 1).

Figura 1. fotografia de Hilda e Hortencio.



Crédito de imagem: Genésio Rodrigues Lopes.

Todos esses rituais comuns à época eram repletos de significado psicológico e de grande importância para os que vivem o luto, uma vez que:

Ver o corpo da pessoa falecida ajuda trazer à tona a realidade e o caráter definitivo da morte. Se a pessoa tem um velório, um caixão aberto ou um caixão fechado dependerá das diferenças regionais, étnicas e religiosas. Contudo, há grande vantagem em que os membros da família vejam o corpo do ente querido morto, seja na casa funerária ou no hospital (WORDEN, 2013, p. 82).

Não importa o período, os rituais relacionados com a morte, servem para estabelecer a transição do ciclo de vida, porém as epidemias modificaram costumes e o cotidiano social, em meados dos oitocentos e início da República os modos de agir diante da morte se equilibrava entre discursos higienistas, religiosos e crenças populares.

A ascensão das narrativas higiênicas causou grandes impactos principalmente na organização dos espaços urbanos, nesse sentido as Câmaras Municipais ficaram encarregadas de civilizar as cidades através de decretos que visavam:

executar ou fazer executar a limpeza, alinhamento, iluminação, reparos, segurança dos logradouros públicos; retirar das ruas os loucos, embriagados, animais ferozes ou danados; impor limites de velocidade aos cavaleiros; impedir vozerias nas ruas em horas de silêncio, e obscenidades contra a moral pública; indicar lugares

adequados e limpos para abate de gado e funcionamento de feiras livres; reprimir atravessadores e especuladores; conceder licença para realização de espetáculos públicos, uma vez que não ofendam a moral pública; obrigar os moradores a manter o asseio, segurança e elegância, e regularidade externa dos edifícios e ruas (REIS, 1999, p. 275).

Percebe-se que o objetivo das Câmaras era civilizar por meio de regulamentações, entretanto no tange aos cemitérios não havia uma Lei que disponibilizasse verbas para construção de cemitérios o que promoveu o surgimento de campos santos improvisados, viu-se na Bahia sepultarem-se cadáveres nos quintais, ou lançarem-se ao mar<sup>5</sup>. Esses sepultamentos clandestinos também ocorriam em outras regiões, como é o caso de Varjota, interior do Ceará que conta com a presença de quatro túmulos erguidos no “meio do nada”, atualmente com paredes manchadas e deterioradas pelas intempéries do tempo, como mostra a (Figura 2), segundo relatos da população, foram destinados às vítimas da Febre Amarela, “(...) uma doença infecciosa não contagiosa transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*” (GUIMARÃES e SOUZA, 2021, p.59).

Figura 2- Túmulos referentes às vítimas da Febre Amarela em Varjota - CE.



Créditos de imagem: Genésio Rodrigues Lopes.

Os túmulos são testemunhos concretizados de um tempo difícil daquela localidade, o alto índice do número de mortes por febre amarela e hanseníase era tanto que durante os sepultamentos já se tinha o receio do contágio, como relata Genésio Rodrigues Lopes em seus escritos:

Nessa época foi fechado o Cemitério Velho de Macaraú, pois muitas pessoas que

---

5 E d. Romualdo, APEBA, Câmaras, março 1433. citado em REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.284.

adoeciam de febre amarela e lepra eram enterradas lá. Os familiares que iam fazer o sepultamento adoeciam, por isso decidiram fazer o isolamento e fechar o cemitério, pois a febre amarela era muito contagiosa. Então foi construído um novo Cemitério para sepultamento dos habitantes de Macaraú. O cemitério fica localizado na rua Messias Ramos, e pertence ao município de Santa Quitéria (LOPES, n.d, p.2).

Sabe-se que os sujeitos ali sepultados pertencem à mesma família e que os túmulos foram edificados no quintal de casa, que por muito tempo ficaram sob o cuidado de Hilna Nogueira.

Além dos túmulos erguidos no fundo de um quintal (por medo do contágio da febre amarela), podemos encontrar a Cruz da Nega e a Cruz de Inês<sup>6</sup>, lugares sacralizados pelo culto popular configurados em uma pequena capela, e um cruzeiro, ambos espaços fúnebres que se tornaram destinos de romarias.

Inês era portadora de hanseníase, popularmente conhecida como lepra, naquela época as pessoas não se aproximavam dos doentes por medo do contágio, no local onde a pobre Inês foi enterrada, seu esposo ergueu uma singela capela. Atualmente o lugar é frequentado por pagadores de promessas que rogavam por interseção para atingir suas graças. Segue abaixo (Figura 3).

Figura 3- Cruz de Inês em Varjota- CE.



*Cruz da Finada Inês- Salgado, município de Varjota-Ce*

Créditos de imagem: Genésio Rodrigues Lopes.

Outro espaço que se tornou lugar de romaria em Varjota é Cruz da Nega, local de sepultamento de uma senhora africana que morreu de inanição após ter se perdido do por um grupo de migrantes também africanos que passavam pela região a caminho da cerra da Ibiapaba, em busca de emprego. A senhora ali

<sup>6</sup> Há um artigo científico submetido a essa mesma revista/edição tratando penas da Cruz de Inês intitulado: DE LEPROSA A INTERCESSORA: A CRUZ DA FINADA INÊS COMO PROTAGONISTA DAS NARRATIVAS HISTÓRICO-RELIGIOSAS DE VARJOTA-CE.

mesmo morreu e foi sepultada no mesmo lugar, dando origem a um cemitério de crianças pagãs ou conhecido Cemitérios de Anjinhos. Segundo os relatos de Genésio:

Na época morria muitas crianças de várias doenças, os pais muito aflitos faziam seus pedidos a Deus, se seus filhos ficassem bons da doença iria pagar na Cruz da Nega a promessa agradecendo a Deus a cura do filho. No local tem muita criança enterrada, as maiorias são filhos dos Trajano que ali residiam, o local se encontra nas terras de Dona dos Anjos e do senhor Cisto (LOPES, n.d, p. 7).

Atualmente as terras desse cemitério estão sob os cuidados de Robério, que se comprometeu em manter o espaço limpo e preservado. Segue abaixo (Figura 4) a Cruz da Nega.

Figura 4 - A Cruz da Nega em Varjota- CE



Crédito de imagem: Genésio Rodrigues Lopes.

Até o século XX perder um filho ainda na primeira infância era algo recorrente para as famílias cearenses, a morte precoce, especialmente na região Nordeste, estava associada a desnutrição e doenças infecto-contagiosas, o pequeno corpo arrancado do seio familiar, sem oportunidade de viver, eram enterrados em espaços comunitários ou até mesmo no quintal de casa. Logo, o Ceará e várias outras localidades do Nordeste foram palco do surgimento de enterramentos de crianças, especialmente de pagãos. Segundo Araújo:

No Nordeste brasileiro, o local onde são enterradas as crianças natimortas ou



recém-nascidas que morreram sem ter recebido o batismo católico romano chama-se “cemitério dos pagãos”. Não usam, nesse caso, enterrar no cemitério, pois consideram esse um lugar sagrado. Daí sepultarem nas encruzilhadas de caminhos ou na biqueira da casa, assim bem próximo de onde moram para, no caso de ouvirem a criança chorar, levarem até a água-benta para batizá-la. Acreditam que antes de completar sete anos a criança chorará, e é preciso que um cristão ouça e batize o morto (Araújo, 2004, p.78).

Com relação aos sepultamentos de crianças eram sempre momentos de comoção social, o “defuntinho” era velado com uma mortalha branca, o caixão ornamentado com flores e geralmente com forro de tafetá branco ou cor de rosa com detalhes em prata.

No município de Varjota os pequeninos eram enterrados nos contornos da cruz de Inês e cruz da nêga, consideradas santas pela população local, espaços não oficiais de devoção atualmente frequentados por pagadores de promessas, que recorrem às intercessoras com o objetivo de solicitar milagres e graças, ou seja, “tipo de devoção que não necessita da estrutura eclesial para existir, existe às margens das devoções oficiais, geralmente é praticada por pessoas da classe baixa, também marginalizadas de alguma maneira” (PEREIRA, 2005, p. 31), nesse sentido a veneração popular alimenta as memórias sobre os cemitérios pagãos, fortalecendo as narrativas do local, contribuindo com informações a respeito das atitudes perante a morte. Como menciona Le Goff:

antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história da época e da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 1996, p. 547-548).

Assim, o cenário onde histórias de perdas se materializam e contam a relação da morte e da religião constituem lugares de memória:

onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquirem a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica (NORA. 1993, pp. 21-22).



Colocando em evidência espaços periféricos de pequenas cidades do Nordeste brasileiro, nas quais a tradição religiosa da população segue cultuando seus mortos.

#### 4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um breve relato sobre os espaços e práticas fúnebres presentes no município de Varjota- CE, nota-se como as atitudes diante da morte influenciaram a paisagem e cultura local. Crianças pagãs enterradas em cemitérios clandestinos, mas que não por isso foram marginalizadas indicando a sensibilidade social com os “Anjinhos” ,ou ainda, túmulos de fundo de quintal que emergiram da urgência e medo perante as epidemias de hanseníase e febre amarela, túmulos esquecidos, ao contrário da Cruz da Nega e de Inês que hoje são símbolos de religiosidade onde o cristianismo popular se manifesta com mais força.

A necessidade de preservar esses espaços está intimamente ligada à construção da memória e por consequência a identidade, assim, toda narrativa deve ser analisada de forma que enriqueça a história garantindo e reforçando signos que caracterizam o local. São pontos estratégicos que contribuem para o entendimento e educação patrimonial além de demonstrarem potenciais arqueológicos, como o Cemitério dos Anjinhos na Cruz da Nega, necessitando de estudos mais aprofundados de natureza bioarqueológica, que possam revelar mais informações sobre a causa mortis desses pequenos inocentes.

#### AGRADECIMENTOS

A CAPES e ao Sr. Genesio Rodrigues Lopes, nossos sinceros agradecimentos por fornecer as condições e os materiais necessários para essa análise.

#### 5.0 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional III, ritos, saberes, linguagens, artes populares e técnicas tradicionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BELLOMO, Harry R. (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.



BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GUIMARÃES, Beatriz Freire; SANTOS, Juvandi de Souza. Cemitério e sua importância como patrimônio cultural. **Anais do 8º CBEU**, Natal- RN, 2018.

\_\_\_\_\_. Signos deixados pela morte: o cenário fúnebre de olivedos durante a paraíba oitocentista. **Revista Tarairiú**, v.1, n. 17. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MITHEN, S. A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da **ciência**, Editora Unesp, 2003.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História, PUC-SP), São Paulo, v.10, 1993

PEREIRA, J. C. **Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso**. Porto Alegre: Zouk, 2005.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos Vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. p. 166.

SILVA. Kelen Katia P. **Representações sobre corpos, práticas e costumes: uma análise dos anúncios publicitários do Jornal dos Sports (1930-1940)**. UFMG. 2022.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental**. Tradução de Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi e Susie Smith. 4. ed. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2013.